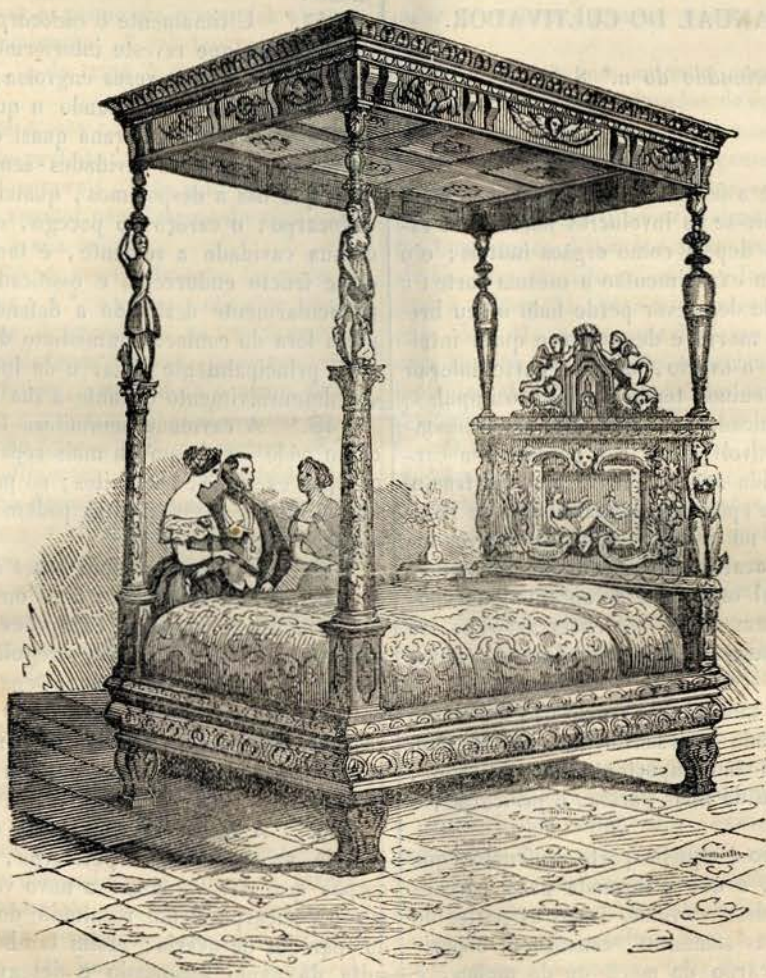


# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.



### UM LEITO DE APARATO.

Na nossa primeira estampa offerecemos hoje aos artistas um modelo de leito, digno de imitar-se, pela elegancia, e gosto com que está concebido.

A construcção dos trastes proprios para mobiar as salas elegantes de agora, tem subido á altura de uma arte, que vae buscar os seus typos a essa epoca da renascença, em que as flôres, os ornatos, as esculturas, as columnas salomonicas se reuniam para dar ao

mais simples objecto de uso, a riqueza de um monumento de arte.

Esta epocha prosaica, triste, chã em tanta cousa, procura resuscitar o passado, cerca-se das suas riquezas para acordar o sentimento do bello que nella está tão adormecido.

Alguns marceneiros estrangeiros tem entre nós encetado esta carreira nova pára a sua arte, e tem felizmente sido imitados pelos portuguezes: com tudo o gosto de moveis, imitando os da *renascença*, não está ainda bastante espalhado para que a arte tenha entre nós subido ao seu mais elevado gráu de perfeição.

## O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 8.)

### Fructo.

140.º Logo que a fecundação se opera começa a murchar e a destruir-se os involucros floraes; os estames cahem pouco depois como órgãos inúteis; e o estigma, e o estilete experimentão a mesma sorte: a flor que acabámos de descrever perde todo o seu brilho e formosura, e morre e desaparece quasi inteiramente — sómente o ovario, ou essa parte inferior do órgão sexual femenino, tendo recebido o impulso, que lhe foi communicado pelo acto vital da fecundação, começa a desenvolver-se, e a percorrer a carreira da sua nova vida até se transformar em fructo.

141.º Esta nova epocha do vegetal chama-se fructificação, e começa no instante, em que os ovos foram fecundados, e acaba com o acto da disseminação; acto pelo qual os fructos se abrem para confiarem á terra as sementes, que encerravão no seu seio, a fim de germinarem, e reproduzirem novas plantas.

142.º Vê-se por tanto que o *fructo* não é mais do que o ovario fecundado e desenvolvido. Este órgão, cujo conhecimento é tão importante ao cultivador, consta essencialmente de duas partes, o *pericarpo*, e a *semente*.

143.º O *pericarpo* é aquella parte do fructo, que contem as sementes, e que é formada pelas paredes do ovario depois de desenvolvidas. Todas as partes do fructo, exceptuadas as sementes, constituem o *pericarpo*; assim o *pericarpo* da maçã ou do melão, é aquella parte destes fructos que serviu de resguardar e defender as sementes, e que as encerrão em si.

144.º O *pericarpo* consta de tres partes, que são o *epicarpo*, o *mesocarpo*, e o *endocarpo*.

145.º O *epicarpo* é uma membrana delgada quasi sempre transparente, que reveste exteriormente o fructo: é formada na generalidade dos casos pela epiderme do ovario; e algumas vezes, quando o ova-

rio faz corpo com o calix, e se acha nelle encerrado, pela epiderme deste ultimo órgão. O seu uso é defender e resguardar o fructo da acção immediata dos agentes externos. A membrana, ou pellicula externa de que nós despojamos a maçã ou o pecego, quando os comemos, é o *epicarpo* destes fructos.

146.º O *mesocarpo* é a parte ordinariamente carnosa, succulenta, e mui desenvolvida, que se acha entre o *epicarpo*, e o *endocarpo*, ou a membrana mais interior do *pericarpo*, que cobre immediatamente as sementes. Aquella parte da maçã ou do pecego, que nos serve de alimento, é o *mesocarpo* destes fructos. E' elle que contem os vasos nutritivos, que servem de alimentar não só o *pericarpo*, mas tambem a semente.

147.º Ultimamente o *endocarpo* é uma membrana delgada, que reveste interiormente a cavidade seminifera; e que ás vezes engrossa, endurece, e quasi que se ossifica, formando o que chamamos caroço, noz, &c. A membrana quasi cornea, que reveste interiormente as cavidades seminiferas da maçã, e de que nós a despojamos, quando a comemos, é o *endocarpo*; o caroço do pecego, que contem dentro da sua cavidade a semente, é tambem o *endocarpo* deste fructo endurecido e ossificado. O *endocarpo* é particularmente destinado a defender a semente e a pô-la fóra do contacto immediato dos agentes exteriores, principalmente do ar e da luz, que tolherião o seu desenvolvimento durante a sua vida intraovariana.

148.º A cavidade seminifera formada pelo *endocarpo* pôde ser de um ou mais repartimentos; na maçã, por exemplo, ha muitos; no pecego e na ameixa um só. Estes repartimentos podem conter uma só ou muitas sementes.

149.º O *pericarpo* umas vezes é formado de uma só peça, e outras vezes de duas ou mais; no primeiro caso, salvas pequenas excepções, os fructos ou se decompõem, ou se rompem irregularmente, para dar sahida ás sementes; no segundo separam-se as suas peças pelas suturas que as ligão, e é por estas aberturas que as sementes são lançadas sobre a terra, ás vezes a grandes distancias, por um mechanismo particular.

150.º A *semente* é essa parte do fructo perfeito contida na cavidade do *pericarpo*, e que encerra o corpo, que deve produzir o novo vegetal. Assim como o *pericarpo* é um resultado do desenvolvimento das paredes do ovario; assim tambem a semente resulta do ovulo fecundado e desenvolvido dentro do mesmo ovario.

151.º O caracter essencial da semente é encerrar dentro de si o *embrião*, corpo organizado que posto em circumstancias favoraveis se desenvolve e transforma n'um ser perfeitamente semelhante áquelle que lhe deu origem.

152.º A *semente* é formada de duas partes, o *episperma*, e a *amendoa*. O *episperma* é o tegumento ou

cobertura propria da semente destinado a proteger e revestir a amendoa: é composto de duas membranas uma mais exterior e mais dura (o *texta*) e outra mais interna e mais vital (o *tegmen*). Ha no episperma um ponto pelo qual a semente é unida ao pericarpo, é por este ponto, a que se dá o nome de *hilo*, que penetração para dentro da semente os seus vasos nutritivos. No feijão se podem observar não só o episperma mas tambem o hilo.

153.º A *amendoa* é toda aquella parte da semente madura e perfeita que se contem na cavidade do episperma. Umas vezes é formada sómente pelo *embrião*, outras vezes por este orgão e pelo *endosperma*.

154.º O *endosperma* é um corpo umas vezes carnoso outras farinaceo, que circunda o embrião, e serve de lhe subministrar os primeiros principios alimentares durante a germinação. A substancia branca e feculenta do milho, e do trigo é o endosperma destas sementes.

155.º O *embrião* é esse corpo já organizado existente n'uma semente perfeita, e que deve, collocado em circumstancias favoraveis, pelo acto de germinação, tornar-se um vegetal completamente similhante áquelle donde tirou a sua origem.

156.º O embrião é essencialmente formado de tres partes; a saber, 1.º o *corpo radicular* situado inferiormente, e que desenvolvido se transforma na raiz; 2.º o *corpo cotiledonar* formado por uma, duas e raras vezes mais folhas, a que se dá o nome de *cotiledones*, destinadas a prepararem os alimentos da joven planta, como se fossem *mamas vegetaes*; 3.º a *gemma*, gomo rudimentar, que desenvolvido deve produzir o caule. Se despojarmos um feijão ou uma lava do seu episperma, e se depois separarmos os dois corpos carnosos, que são os *cotiledones*, veremos inferiormente o corpo radicular da fórma de um pequeno cilindro ligeiramente aguçado na parte inferior, e superiormente a *gemma* composta de um eixo guardado de duas delicadas folhinhas.

## CAPITULO 2.º

### FUNÇÕES E VIDA DAS PLANTAS.

157.º Estudámos no capitulo antecedente a fabrica e a estructura dos principaes orgãos da planta, tanto da nutrição como da reproducção — agora temos a estudar os usos e funções exercidas por estes orgãos. Este estudo, tão importante para o agricultor, é o complemento daquelle, que acabamos de fazer. — Conhecida a fabrica dos orgãos importa conhecer o mecanismo das suas funções, e as causas, ou os agentes, que determinam a sua acção.

158.º A vida não é outra cousa senão o resultado da acção combinada, e harmonica dos orgãos desafiada pelos agentes naturaes, que os põem em movimento. É um jogo de acções e reacções.

159.º Os orgãos são os instrumentos dos actos vitaes pelos quaes a vida se nos revella e manifesta — os agentes naturaes são os excitadores e motores dos orgãos; aquelles são, digamol-o assim, as rodas, e estes as molas destas maquinas vivas, a que chamamos seres organizados.

160.º O que caracteriza essencialmente os animaes e as plantas é a *vida*; mas a vida reduzida á sua mais simples expressão é a nutrição, e a reproducção.

161.º Ora estas duas funções podem ser exercidas por orgãos e aparelhos mais ou menos complicados; e compor-se de actos vitaes mais ou menos simplicios e numerosos: a simplicidade do orgão indica sempre a simplicidade da função, e a sua particular estructura denuncia o uso, a que elle foi destinado.

162.º Tanto nos animaes como nos vegetaes ha typos mais ou menos elevados de organização. Os *animaes vertebrados* e as *plantas vasculares* foram formados sobre um plano de organização mais acabado e perfeito do que os *zoophitos* e *plantas cellulares*. Os seres daquellas duas primeiras divisões systematicas tem orgãos distinctos para as diversas operações vitaes, que constituem as suas funções; tem orgãos para a absorção, para a circulação, para a respiração, &c. Ha no seu machinismo, por assim dizer, uma divisão de trabalho organico, consequencia da individualidade e separação dos seus orgãos, que deve tornar os actos da vida mais completos e perfectos. O *homem* e o *cedro* podem dar testemunho desta perfeição, e do typto de organização que ella revella. Os seres das duas ultimas divisões; isto é os *zoophitos* e as *plantas cellulares* não gozam da mesma vantagem; os seus orgãos, poucos em numero, são simultaneamente destinados ao exercicio de muitas funções; e então estas funções devem ser, como de feito são, menos caracterisadas e distinctas; assim vemos o mesmo orgão servir cumulativamente á absorção, á exhalção, á assimilação, &c. A *esponja* e o *musgo* podem constatar esta organização rudimentar, e a vida obscura, que é uma consequencia della.

163.º A supremacia e o dominio que o homem, o primeiro dos vertebrados, exerce sobre a natureza organizada deve sem contestação attribuir-se á maior perfeição do seu organismo. — Sem a superioridade da sua razão, em parte dependente da superior organização do seu cerebro, sem a mobilidade das suas mãos, sem a estructura feliz dos orgãos da voz e da palavra, e finalmente sem o seu pronunciado instincto de sociabilidade, elle não se teria feito reconhecer e respeitar como o chefe da maior parte dos animaes, que tem identico instincto de sociabilidade, como são o *elefante*, o *camello*, o *boi*, o *cavallo*, &c., nem se teria feito o terror de todos os outros, que elle não pôde, ou não quiz submeter ao jugo da domesticidade.

164.º Como as plantas nos não apresentam, á maneira dos animaes, movimentos voluntarios e sensações; como carecem destes e dos mais actos vitaes que constituem a vida de relação, ou a vida animal; e como finalmente não gozão senão da vida vegetativa, é claro que só temos a estudar nellas as duas grandes funcções proprias desta vida, e communs a todos os seres organisados.

165.º Estas funcções são as de nutrição e reprodução, e veem a ser exercidas pelos dois grupos de órgãos que já estudámos. Começaremos pela funcção de nutrição, que acompanha a planta em todos os momentos da sua existencia, desde que germina até que morre.

#### Funcção da nutrição.

166.º A nutrição é uma funcção pela qual os vegetaes absorvem, elaboram, e assimilam uma parte das substancias solidas, liquidas, ou gazozas espalhadas no seio da terra, ou no meio da atmosphéra. Estas substancias são absorvidas ou pelas extremidades das radiculas, ou pelas folhas, e outras partes verdes das plantas, que se desenvolvem no ar.

167.º A nutrição é uma funcção complexa, isto é, compõe-se de muitos actos vitaes successivos ou simultaneos, que se executam na ordem seguinte:

168.º Em primeiro logar as raizes (assim como as folhas) absorvem as substancias nutritivas, que devem servir á alimentação da planta — este acto vital tem o nome de *absorção*. 2.º As substancias nutritivas apenas absorvidas sobem pelo caule até ás suas ultimas extremidades — este novo acto vital chama-se *ascensão da seiva*. 3.º Durante a sua marcha a seiva vai-se successivamente modificando até chegar ás folhas, onde exhala a agoa excedente, e outros principios inuteis, que a sobrecarregam — esta acção organica denomina-se *exhalação*. 4.º Depois de se ter exonerado destes principios inuteis põe-se a seiva em contacto com o ar, e experimenta então uma importante elaboração, a que se dá o nome de *respiração*. 5.º Depois desta elaboração, que torna a seiva propria para a nutrição do vegetal, desce e circula este liquido por todos os pontos da planta, a fim de se pôr em contacto com os seus tecidos — este movimento vital tem o nome de *circulação*. 6.º Finalmente logo que a seiva descendente penetra no interior dos tecidos cede-lhes os principios nutritivos, de que elles carecem, ou para se conservarem, ou para se desenvolverem; e este ultimo acto vital chama-se *assimilação*. — É então que se verifica esse movimento mollecular de composição e de decomposição que constitue essencialmente a nutrição.

169.º Os actos vitaes por tanto de que se compõe a nutrição são a *absorção*, a *ascensão da seiva*, a *exhalação*, a *respiração*, a *circulação*, e a *assimilação*. Nós daremos de cada um delles uma breve

idéa, mas antes disso cumpre que façamos conhecer os principaes agentes da vegetação.

#### Agentes physicos da vegetação.

170.º Ha certos agentes, que provocam e desafião a acção dos corpos vivos; e é por isso que dizemos que estes corpos são *excitaveis*, ou que gozam de uma propriedade vital, que se chama *excitabilidade*. Assim nos animaes os olhos são excitados pelos raios da luz, os ouvidos pelas vibrações do ar; e nas plantas as folhas são tambem excitadas pela luz, e as raizes pela humidade.

171.º A vida só se exerce quando os agentes naturaes põem em acção os órgãos; de modo que estes agentes são condições sem as quaes o organismo não funciona, ou, o que é o mesmo, são condições essenciaes da vida.

172.º Os agentes essenciaes da vegetação são a *agoa*, o *ar*, a *terra*, o *calor*, e a *luz*.

173.º Sem *agoa* não ha vegetação possivel: sem *agoa* toda a vegetação se suspende ou perece por esgotamento e *secura*. A falta absoluta ou relativa deste liquido desorganisa os tecidos, ou paralisa temporaria e indefinidamente as suas funcções. As plantas privadas de *agoa* definham ou morrem de sede, como os animaes. Não ha agricultor, que não tenha observado a especie de *resurreição instantanea*, que as plantas inanidas pela falta de *agoa* experimentam, quando este liquido se põe em contacto com as suas raizes, ou com as suas folhas; a rapidez com que ellas se revivificam e a excitação que as reanima provam concludentemente, que a *agoa* não obra só como alimento, ou como vehiculo de alimentos, mas sim como um excitante do organismo vegetal.

174.º Se a falta absoluta de *agoa* faz perecer as plantas de sede, a falta completa de *ar* fal-as morrer *aphixiadas*. Com respeito a estes dois agentes as plantas e os animaes tem estreitas relações de analogia. Toda a vegetação cessa no vasio da *maquina pneumatica* para as plantas *aereas* — e se a *agoa* fôr privada do *ar*, que naturalmente contem, toda a vegetação cessa tambem para as plantas *aquaticas*. Aquellas, como os animaes *aereos*, não vivem sem *ar*; estas, como os animaes *aquaticos*, não vivem na *agoa* despojada deste fluido. As plantas tem por tanto uma *respiração*, como os animaes, visto que perecem por *aphixia*; e o *ar* é o alimento desta *respiração*.

175.º A *terra* ou o *solo* exerce sobre a vegetação duas castas de influencias muito distinctas — obra não só como uma especie de vehiculo ou de esponja, onde se deposita a humidade, e atravez da qual o *ar* circula, mas tambem como elemento nutritivo da planta, onde ella encontra as substancias *terreas* e *carbonatadas* indispensaveis ao seu completo desenvolvimento. Donde se infere que o *hom solo* deve ser mais ou menos *poroso* para se deixar penetrar do *ar*

e da humidade, *espongioso* para conservar e reter estas duas substancias, *dividido* para que as raizes se possam ramificar — e deve além disto conter não só as substancias terreas e salinas apropriadas ás culturas nelle feitas, mas tambem os convenientes adubos provenientes da decomposição das substancias animaes e vegetaes. A natureza porém das culturas deve apropriar-se á do solo, ou do terreno; e pôde-se asseverar que não ha terrenos por mais inferiores, que sejam, que não possam ser consagrados a esta ou aquella cultura, e que não possam por consequencia ser utilizados e aproveitados pelo agricultor.

176.º O calor é um dos agentes phisicos mais poderosos da vegetação. E' a elle, ou á temperatura elevada, que se encontra nos paizes intratropicaes, que se deve principalmente attribuir a rica e gigantista vegetação destes climas: e pelo contrario é ao frio, ou á baixa temperatura dos paizes do norte, que devemos igualmente attribuir a sua vegetação mesquinha, e anã. — E' ainda a sua acção equal e constante, que torna perenne a vegetação dos paizes quentes; ao passo que a dos paizes frios é periodica pela razão contraria. Finalmente o calor da primavera é uma das principaes causas da ascensão da seiva, em quanto o frio do outono e do inverno é a causa mais poderosa da desfolha das arvores, e da sua hibernação.

177.º A acção da luz sobre a vegetação é tambem um facto, que não pôde ser contestado. A presença da luz é indispensavel á respiração das plantas; esta verdade é comprovada pela experiencia; privados da acção da luz a maior parte dos vegetaes se *estiolão* e adoecem a ponto de perecerem. Não devemos por tanto admirar-nos da tendencia pronunciada que a parte aerea da planta tem para a luz; nem de que os seus ramos se affastem e torção da sua natural direcção, a fim de se encaminharem para os logares mais illuminados.

178.º Alem destes agentes que levamos indicados outros existem ainda, como por exemplo, a *electricidade*, a *nevoa*, o *orvalho*, que por não serem tão geraes, e essenciaes á vegetação, deixão de ser aqui mencionados por ser isso incompativel com a brevidade e concisão elementar deste pequeno livro.

#### Absorpção.

179.º O acto vital, pelo qual as raizes aspirão ou chupão da terra a agoa carregada dos principios nutritivos, que nella se achão dissolvidos, chama-se *ab-*

*sorpção*. Os orgãos encarregados deste acto são, na parte descendente da planta, as radículas por meio dos espongiosos, que as terminão.

180.º Mas todas as partes verdes do vegetal, como as folhas, os renovos, &c. são igualmente dotadas desta força de succção, e concorrem por consequente para esta importante funcção.

181.º Lançadas no seio da terra as radículas estão constantemente a absorver-lhe a humidade, e com ella as substancias nutritivas. Esta faculdade absorbente das raizes é demonstrada por diversas observações: se mergulharmos as extremidades radiculares de uma planta n'um liquido córado, iremos pouco depois encontral-o no caule e nos ramos, aos quaes comunicará a sua côr.

182.º A faculdade absorbente dos tecidos verdes é tambem demonstrada por muitos factos: se lançarmos uma pouca de agoa sobre as folhas murchas de uma planta veremos pouco depois estes orgãos turgidos, e a planta tão fresca e viçosa como se lhe tivessemos regado a raiz.

183.º As substancias nutritivas só são absorvidas pelas raizes, quando a agoa as pôde dissolver. A agoa é o intermedio indispensavel desta absorpção. Tudo o que ella não dissolve não pôde ser absorvido. Esta verdade, evidenciada por muitas experiencias, faz-nos conhecer, que ainda que o terreno seja rico de substancias alimentares, se nelle não existir a humidade necessaria para lhes servir de dissolvente, estas substancias serão perdidas para a vegetação.

184.º Em quanto aos principios nutritivos absorvidos pelos tecidos verdes, esses só penetraram para o seu interior, ou porque se achavam suspensos e misturados no ar, ou porque se achavam dissolvidos na humidade atmospherica.

185.º O liquido em contacto com a raiz penetra para dentro das cellulas dos espongiosos em consequencia da permeabilidade das mesmas cellulas, e de uma força *physico-organica* (*endosmose*) em virtude da qual os fluidos menos densos são attrahidos pelos mais densos, quando se acham separados por membranas organisadas: e na verdade os liquidos contidos nos espongiosos sendo mais densos, que o liquido aquoso com quem estão em contacto, devem em virtude daquella força attrahil-o e absorvel-o para dentro das pequenas bolças ou cellulas que os constituem. Esta não é porém a unica causa da absorpção das raizes como veremos adiante.

(Continua.)



#### ESCOLAS QUE POR SI SE SUSTENTAM.

**E** necessário que no nosso paiz se tome em fim um arbitrio, para tirar o povo da ignorancia em que se acha; é indispensavel recorrer a algum dos systemas de instrução adoptados nos outros paizes, escolher algum processo para derramar as luzes, que seja economico, e ao mesmo tempo de seguro resultado; porque a continuação do estado quasi-barbaro em que nos achamos, no que diz respeito a este ramo de administração, o mais importante de todos, é um impossivel. Uma nação governada constitucionalmente, sem ter instrução popular organizada, é um contra-senso, é um absurdo.

Oppõe-se talvez a um maior desenvolvimento do nosso systema de instrução publica, a falta de recursos para estabelecer escolas em todos os pontos em que ellas se tornam indispensaveis: quanto a nós uma tal razão não tem força quando se trata de instruir o povo; qualquer sacrificio que para isso se faça, por maior que elle seja, ha-de necessariamente ser recompensado pela utilidade que de cousas desta natureza se colhe sempre. Suppondo porém que uma tal difficuldade assusta aquelles a quem compete levar a cabo a ardua empresa de organizar a instrução, ainda assim não devemos perder a esperança, porque é possivel, a experiencia de uma nação o demonstra, estabelecer escolas que nada custam ao governo, a não ser uma somma muito diminuta gasta na occasião de as constituir.

A falta de recursos oppunha-se em muitas parochias de Inglaterra ao estabelecimento de escolas para instruir as creanças pobres; e a falta de instrução ou as arrastava ao vicio, ou as privava de muitos recursos quando, chegando á idade adulta, se achavam na ignorancia absoluta dos processos que mais convem seguir nos trabalhos do campo; todos os systemas de instrução adoptados naquella nação eram

ineficazes quando se tratava de vencer aquella difficuldade radical; a falta de meios tornava-se um obstaculo insuperavel á criação de escolas nas parochias pobres do campo. Foi então que em Cornwall se fez a primeira experiencia de um novo systema de escolas; e produziu desde logo um tão proficuo resultado, que em breve o novo systema foi applicado no condado de Sussex, em Eastburn.

Foi um particular, proprietario em Sussex, quem primeiro estabeleceu alli uma escola, em que ao ensino primario se unia o ensino da agricultura: os rapazes que frequentavam a escola eram obrigados a trabalhar de tarde n'uma pequena porção de terra, que tinha sido dada ao mestre; pagando-lhe assim com o seu trabalho a instrução que d'elle recebiam, ao mesmo tempo que adquiriam conhecimentos practicos sobre o melhor modo de agricultar a terra. Logo depois estabeleceram-se escolas com o mesmo plano nas aldeias de East Dean e de Willingdon, e a sua utilidade foi por todos reconhecida.

A porção de terreno necessaria para o estabelecimento de uma escola desta natureza é proximamente cinco Acres (cada Acre corresponde a 1044 toezas quadradas); por esta porção de terreno, que cultiva com o auxilio dos seus discipulos, paga o mestre uma renda e impostos, como os lavradores das cercanias. A edificação de uma casa, propria para este genero de estabelecimentos, e de que o mestre pague tambem renda, é da maior utilidade.

A nossa estampa representa a casa construida para a escola de Willingdon, pela qual o mestre paga a renda annual de cinco libras. Esta casa compõe-se de umas logeas, e de um primeiro andar; nas logeas está o curral das vaccas, a cozinha, a queijeira, a casa de lavar, a pocilga, e um tanque de ferro para agoa: no primeiro andar ha, por cima do curral, uma grande casa que serve para aula, e ao mesmo tempo para fazer a eira, trez quartos de cama, e um celeiro.

O capital necessario para montar uma escola des-

te genero é, em Inglaterra, apenas de 40 libras, como se vê da seguinte carta, escripta por Mr. G. Cruttenden, mestre da escola de Willingdon, de que acima fallámos.

«Tendo visto, escreve Mr. Cruttenden, n'uma estatística da terra, trabalho, e capital, que dez *acres* é a minima quantidade de terra de que uma familia pode tirar o seu sustento, tomo a liberdade de dizer que tenho, por quasi quatro annos sustentado minha mulher, e agora cinco filhos, commodamente, só com cinco *acres* de terra, na parochia de Wallingdon, do lado de South Downs, perto de Eastburn, em Sussex, com o auxilio dos meus pequenos discipulos, que tem, termo medio, oito annos de idade, que trabalham na minha terra tres horas de tarde, em troco da instrucção que eu lhes dou tres horas todas as manhãs, sobre leitura, escripta, contas, e catholicismo, debaixo da inspecção do meu vigario, sem nenhum salario, a não ser um *penny* cada semana, e mesmo não precisaria do seu auxilio, se tivesse uma saude robusta. Eu tenho pago uma renda igual á dos lavradores meus vizinhos; e havendo-se-me perguntado quanto um homem precisa para se estabelecer deste modo, junto a esta carta a seguinte estatística:

Trigo para semente .....	L.	2	2	0
Semente de centeio e ervilhaca para sustentar duas vacas á mangedoura ....		1	10	0
Semente de trevo para semear n'um <i>acre</i> de terra .....		0	10	0
Semente de batatas .....		1	5	0
Semente de aveia para meio <i>acre</i> .....		0	7	0
Nabos para meio <i>acre</i> .....		0	2	0
Para os primeiros tempos de nutrição para o homem .....		15	0	0
Duas vacas a 9 libras cada uma .....		18	0	0
Uma porca pequena .....		1	5	0

L. 40 1 0

Uma outra carta do mesmo mestre, sobre o seu estabelecimento de Willingdon, dá tão grandes esclarecimentos sobre o modo pratico de dirigir estas escolas de uma natureza particular, e cuja applicação na nossa terra seria de uma utilidade incalculavel, que nós julgamos conveniente dar tambem aqui a sua traducção.

«Eu tenho, diz o mestre da escola de Willingdon, proximo de vinte discipulos, a quem ensino a lêr, escrever, contar, catholicismo, e psalmodia, segundo o plano da instrucção nacional, com a approvação do vigario, sem nenhum salario, excepto um *penny* semanal por cada rapaz; a au'a dura desde as nove horas da manhã até ao meio dia; desde as duas até ás cinco da tarde trabalham os discipulos na minha terra. Ainda não perdi um só discipulo por descontentamento seu, antes pelo contrario elles me ajudam de muito boa vontade.

«Tive a satisfação de poder sustentar duas vacas,

tendo-as sempre á mangedoura, na mesma porção de terreno em que apenas poderia ter uma se a deixasse pastar livremente.

«Não tenho terras para pasto, e todo o inverno as minhas vacas tem só comido palha, nabos, e outras raizes, até que na primavera rebenta de novo o sustento verde; agora o meu feno é o *trevo* que semeei com o grão no anno passado.

«Tenho tirado muita utilidade do uso do estrume liquido recolhido em dois tanques, um destinado para receber o das vacas, outro o dos porcos.

«Matei um porco que pezava *proximamente* sete arrobas, e outro que tinha quasi o mesmo peso, e de cuja carne fiz uso na minha familia, que se compõe de minha mulher e quatro filhos.

«A minha avêa é tida pela melhor na parochia. Eu ato a minha avêa na palha, e guardo-a do mesmo modo que o trigo, o que livra uma grande quantidade de se quebrar; é esta a pratica geral no Cornwall, na Escossia, e ao que se diz, em algumas partes do condado de Kent, particularmente com a cevada destinada ao fabrico da cerveja.

«Costumo malhar o grão na casa por cima do curral, como se faz em Cornwall, na Suissa, &c., onde está perfeitamente secco, ficando assim livre da humidade da terra.

«Tenho agoa excellente e em abundancia, proveniente da chuva que cae sobre a casa, e que é guardada n'uma cisterna aberta no chão.

«A quantidade de terra que trago de renda é de cinco *acres*, do lado de South Downs, e pago 3 libras por cada *acre*; que juntas a 5 libras que pago pela casa, fazem a somma de 20 libras incluindo as decimas e impostos pagos pelo S. Miguel.

«Tenho agora duas vacas e uma novilha, que conservo em mangedouras oppostas, havendo um caminho entre ellas para lhe dar o comer; estas duas vacas nunca necessitaram, excepto uma vez em que paguei dois *pences*, o auxilio do alveitar; do seu leite tenho feito queijos semelhantes aos queijos de Dutch.»

Do que levamos dito, e dos dois documentos que apresentamos, pode concluir-se a vantagem immediata que este genero de escolas traria ao nosso paiz, onde a agricultura é a principal riqueza, e onde em todos os concelhos ha grandes porções de terra, que em geral não dão nenhum producto por falta de cultivo, e que applicadas á sustentação destes estabelecimentos fariam a felicidade dos nossos campos.

Considerados pelo lado economico são estes estabelecimentos os que de preferencia se devem adoptar entre nós, para instruir as povoações das provincias: havendo um forte empenho em os organizar, facil será pô-los em andamento em muito pouco tempo, e quasi sem nenhum sacrificio da parte do governo.

Estas escolas demandam menos fiscalisação do que as que são pagas directamente pelo governo; porque, se o mestre não cuidar attentamente da educação dos

rapazes na aula pela manhã, as suas familias não se mostrarão zelosas em os mandar para o trabalho da tarde.

A instrucção agricola dada nestas eschololas, havendo cuidado na escolha dos mestres, deve ser a melhor possível; porque o interesse destes é que a sua propriedade dê a maior somma de productos, porque é nelles que devem encontrar o premio dos seus trabalhos.

Os paes teem grande interesse em mandar seus filhos a uma eschola onde aprendem cedo os trabalhos proprios da sua posição, e que os habilitam a ganhar a vida, e a ajudarem a sua familia.

Ha porém, alem de todas estas, uma outra vantagem indirecta nestes estabelecimentos de instrucção, e vem a ser a sua influencia sobre os melhoramentos agricolas. Estes melhoramentos só de dois modos se obteem; pelo exemplo, e pela instrucção: as boas praticas ensinadas pelos mestres aos seus discipulos facilmente se espalham pela população do campo: o exemplo da grande utilidade, que os mestres destas eschololas tiram de uma pequena porção de terra, que cultivam com intelligencia, e segundo os preceitos da sciencia, é um exemplo que falla aos olhos dos camponeses rudos, e os convence mais e melhor da importancia de um novo processo, ou de um instrumento aperfeiçoado, que todas as theorias, que se lhes possam pregar.

É incalculavel, tornamos a repetir, a vantagem que Portugal poderia tirar da aclimação deste novo systema de instrucção popular no seu fertil solo. A associação que tomasse a seu cargo promover esta aclimação, a camara que fizesse as leis necessarias para ella, o ministro que levasse um tão importante melhoramento á pratica, teriam para sempre conquistado o reconhecimento do povo portuguez.

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

### A ESCHOLA MODERNA LITTERARIA.

#### III

O SR. GARRETT.

**E**STAMOS em 1826, em plena revolução poetica. O padre José Agostinho tropeja do alto do Parnaso; e as rans dos pantanos arcadicos grasnam a seus pés, suspirando por um rei. Deram-lhe o madeiro e não se aquietaram; Elmiro Tagideu, foi a grou que as veiu devorar.

Folliculario vehemente, Elmiro Tagideu, ou em prosa villan o padre José Agostinho, não tem rival no genero da invectiva. Não é um satyrico, que estimule pelo sal de uma graça castigada; a frase dissoluta,

a critica ferina, e a ironia grosseira, que usa, fulminam o adversario, fazendo corar o pudor, e envergonhando a moral. Querido da plébe, entre a qual pozera a sua tribuna, novo Aristarcho de Samarra, declara guerra á gloria de Camões, proclama-se rival dos Luziadas, e para os sepultar levanta mole sobre mole, e remata-as com a famosa montanha de gello — que chama primeiro o « Gama » e depois baptiza com o rotulo pomposo de — « Oriente! »

Elmiro Tagideu é um poeta de estudo e não de vocação. Minerva raras vezes lhe sorriu, e as Muzas, castas e esquivas, só dormindo se deixaram colher de longe pelo reverendo vate. Não se lhe pôde com justiça passar diploma de prosador em verso; mas não se commette iniquidade assegurando, que o seu metro é martellado no ouvido, que a sua limpha é turva quasi sempre, e que, fóra do Erotico e do Satyrico, respira constrangido, e invoca uma inspiração rebelde.

O numero das suas victimas foi immenso; e repugna a crueldade com que as supliciou. Esqueceu-se um dia da prudencia; ladrou ao sol; e Bocage da noute para o amanhecer improvisa a sua admiravel satyra, e, empalando nella o Zoilo, deu-lhe a immortalidade do ridiculo, descrevendo-o em um verso, que ficou proverbial.

« Gellas a contricção no centro d'alma! » E' exacto. A leitura dos escriptos do auctor do « Oriente » é fria de morte. Em nenhum delles suspira a alma, ou palpita o coração; em nenhum desponta a flôr dos affectos generosos, ou chóra a sensibilidade de uma commoção verdadeira. A poesia natural, que está no homem, no céu, nas agoas, e na admiração da natureza, essa não a procurem nelle, que a não acham. Antonio Xavier para se vingar dos libellos á *Preta de Talentos*, e ao *Palafox*, compôz o « falso Amigo. » E o padre José Agostinho coroado de seu chapeo de trez ventos serviu de ludibrio ás platéas, fez a comedia viva, e foi a repetição dramatica da celebre « Agostinheida. » E tanto o poema como o drama tinham razão. Aquelle character, aquella phisionimia escabrosa, nunca sorriram á amizade, nunca choraram senão de raiva.

Censor deshumano, Elmiro Tagideu irrita-se da decadencia, em que reina; louva-se porque desconfia de si; vendo fugir o futuro, agarra-se ao presente, e tenaz, e orgulhoso inveja o passado, injuria os mortos, e persegue com odio a gloria, que não pôde conquistar. Apedreja a lua, e treme; nega o genio, e sucumbe; martyrisa os poetas menores da epoca, e não repara, que lavra nisto mesmo o seu processo. A culpa não era só dos escriptores; se os poderes decrépitos agonisam, a litteratura, reflexo delles, adocce. A decadencia estava em tudo; quando morria a monarchia absoluta expirava ao pé della a Arcadia sua irmã. Todas as cousas se ligam e se explicam assim.

A satyra do padre José Agostinho é desbragada e



atroz —; a sua critica brame, não corrige; os seus chistes corroem, são venenosos. O látego do escarneo silva nos ares por entre os guizos da farça mais plebea. Nenhuma questão lhe deve luz ou verdade; nenhum principio salutar sahiu daquella penna; nenhuma obra sua lhe sobreviveo. Quando o tumulo se fechou sobre elle tinha já morrido o poeta, e adormecia nos echos populares o derradeiro som da sua fama.

A collecção dos escriptos do padre José Agostinho é volumosa e variada; abrange quasi todos os generos, e prova a lucta perpetua do poeta contra a impotencia da sua inspiração. « A Viagem Extatica » talvez a sua mais accurada composição, não vence com tudo a monotonia, nem espairose por nenhum rasgo de genio a severidade do assumpto. Na epopeia o censor de Camões foi punido; depois de ter negado a gloria do cantor de Ignez veiu ás escondidas ajoelhar ao seu tumulo, e profanar com mão impura as suas bellezas. O « Oriente » lembra-se muito demais dos « Luziadas » para não mover rizo a vangloriosa declaração do auctor contra o plagiato.

Elmiro Tagideu quiz ser tambem dramatico, e em cada ensaio achou um desastre. A poesia dramatica é a mais nacional de todas, depois da Epopeia; quem a tenta sem possuir o segredo de tocar no coração do povo, queima o braço no fogo que se atreveu a assoprar. As « Pateadas », o « Motim Litterario », as cartas Dramaticas, algumas satyras, e bastantes folliculos em prosa e verso, formam a feição caracteristica e original da phisionomia de José Agostinho. Nisto foi popular e plebeo como nenhum; e José Daniel como elle adorador da praça publica, em uma ou outra obra mal se aproxima do esboceto feliz, da seta afiada, e da expressão nervosa de Elmiro.

Tanto em politica como na censura dos costumes e das letras; desde o poema dos Burros até ás satyras contra o Pato e o Conto, e ás cartas ineditas ao Arcebispo de Lacedemonia, é sempre a mesma veia sustentada, sempre a mesma verrina espirituosa, ainda que grosseira, sempre o mesmo fél attribulario em castigar o mais desculpavel erro. De erudição facil, citando muito de memoria, Elmiro ostenta mais do que possui. Finge com os poetas antigos e modernos uma familiaridade que na realidade não teve. Quem se cançar a conferir a citação com o auctor citado não poucas vezes dirá — « *oleum et opem perdidit!* »

Foi, pois, no meio dos clamores das victimas, ao silvar do açoute ferino de Elmiro, e entre as rizadas do vulgo, que se fizeram os funeraes da Arcadia. Ainda se não tinha proferido a ultima sentença sobre a formula politica, ainda faltava á liberdade o victorioso argumento do periodo de 1828 —; á poesia tambem eram necessarios os perigos e a provocação do martyrio; as penas do desterro e as lagrimas da saudade. Filha do povo, o seu baptismo verdadeiro devia-lhe ser dado no campo de batalha, na solidão dos mares, debaixo de uma abobada de fogo. A nossa eschola mo-

derna se não foi de romaria á Grecia como Byron pelear pela independencia; se não esteve á sombra do ulmeiro ouvindo retroar nos echos o canhão de Waterloo como Chateaubriand, padeceu para lhe doer a desgraça alheia; teve as ancias do assedio, a poesia do soldado, e a religião da liberdade; e esta inspiração não mente. Viu a morte, o temporal, e a natureza de perto — sentiu e provou de todos, antes de os cantar; por isso os cantou com tanta verdade.

Em 1826 appareceu, impresso em Pariz um poema em sete cantos, que celebrava a conquista do Algarve. O auctor? Anonimo! Apenas duas letras iniciaes = F. E. = lembravam o nome de um poeta, que morrera no exilio chamado Philinto Elysio. O poema não pedia o diploma da Arcadia; não adorava Joves nem Apollos; não cria, que nelles ou nas formas antigas se encerrasse exclusivamente o bello e o maravilhoso. Mão audaz correndo o véo dos interpostos seculos accendia de novo no altar da ingenua poesia da adolescencia portugueza o fogo sagrado. Outra religião nem a queria, nem a professava.

Este poema era a D. Branca; e o auctor o Sr. Garrett.

Na invocação dizia-se ao paganismo:

« Gentil religião, teu culto abjuro, »  
 « Tuas aras profanas renuncio; »  
 « Professei outra fé, sigo outro rito, »  
 « E para novo altar meus hymnos canto. »  
 .....  
 « Disse adeus ás ficções do paganismo, »  
 « E christão vate christãos versos faço. »

Toda a revolução poetica está resumida nestes versos.

« Irão meus versos ao retiro mystico, »  
 « Aonde te escondeste, procurar-te; »  
 « E ao levantar da nevoa matutina »  
 « Te hão de acordar para contar-te a historia »  
 « Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta »  
 « O alaude romantico, ouve as coplas »  
 « Do amigo trovador: á nossa terra, »  
 « Vamos, amigo, vamos c'o estes sonhos »  
 « Embalar as saudades e dar fôlga »  
 « Ás ancias d'alma c'o as ficções do engenho »

Eis o sentido, a aspiração da poesia moderna que o poema de D. Branca inaugurou. Monarchia decahida o passado é a nossa gloria, e o presente o nosso remorso. Nas sociedades novas a Lyrica é a lingua dos homens e dos Deuses; quando o coração interroga, e crê, paixões e esperanças, sonhos e realidades tudo reveste formas ligeiras, e se cõra pelo matiz da imaginação; tudo, despegando-se dos limos da terra, revoa com a sociedade, e sobe em estrophes a perder-se nas nuvens, que são o véu que nos enturva o céu — além do qual está Deus — a força e o futuro!

A epopeia recolhe da tradição as coplas, os hymnos, as scenas dispersas, enfeixa-as, dá-lhes corpo, e dá-lhes vida; depois infundindo-lhe a luz do espirito nacional, cria o monumento, e forma o symbolo da civilização, que explica. A epopeia revê a Lyrica por todos os póros; contem o drama em todos os episódios.

A poesia romantica não demóle, conserva pelo culto da gloria as tradições da monarchia. Sir Walter Scott reproduzindo na tela da ficção historica as epochas mais bellas da nação escoceza, e os rasgos da cavallaria britanica, dando a todas o cunho nacional, não fez a satyra, escreveu o elogio do passado, onde profundam as raizes as instituições modernas. O sceptico e desconsolado verso de Byron, que enluta o futuro de sombrios presagios, que vê a existencia e o coração atravez do crépe funebre, que nega ao presente a esperança, e ao provir o progresso, esse sim que na agonia da sua alma enlaçando com os braços a columna do edificio derrubal-a-hia se o milagre de Sansão se repetisse.

A primitiva lyrica portugueza está nas cantigas dos Cancioneiros; nos soláus e rimances de Bernardim Ribeiro; ou nas coplas do Gil Vicente. Será aquella a linguagem e o sentir do povo então? De certo é. O verniz, que lhe deu a côrte, o reflexo aristocratico, que cega os olhos do poeta, a lisonja que lhe ri nos labios, vem só á superficie; o fundo ficou o mesmo.

D. Branca descende desta linguagem pura castelhana. O seu auctor admirava sem ás copiar as devoctas idealidades do Norte. E' elle quem nos diz que

« Esses gellos do norte, esses brilhantes »  
 « Caramellos dos topos das montanhas, »  
 « Do sol do meio-dia aos raios vivos »  
 « ..... »  
 « ..... se convertem »  
 « De lucidos christaes em agua chilra. »

A sua genealogia é peninsular; as feições, a voz, a belleza, o gesto, e tudo, em nada lembram a face alva de neve, as tranças douradas e as margens verdes e sempre arrelvadas da região dos Irminsulfs e Theutates. O typo respira a graça, a franqueza, e a ingenuidade da formosura em que o sangue arabe queima no incendio das paixões; o soluço do pranto chora livre e não cahe gellado, e silencioso, sobre o coração onde fica a esmagal-o. De Amadis de Gaulia attribuido á Vasco de Lobeira, até ao D. Quixote de Cervantes, corre a geração de poemas, que se podem reputar como legitimos antepassados da poesia romantica. A Menina e Moça, Sir Tristão, o Rei Artur, e os romanceros mouriscos teem direito todos á criação do genero. O Oberon de Wieland; o Lord das Ilhas e o Marmion de Walter Scott são seus filhos. De todos elles se deveu inspirar, pois, o auctor de D. Branca; em todos buscou de certo a verdade e a natureza; e por todos estes espelhos compoz a graça e o singello garbo da sua Musa.

Wieland deu a um epizodio das novellas cavalleirosas do cyclo de Carlos Magno o relevo e nexo da possivel unidade de acção, e da necessaria verisimilhança de costumes e caracter. O que talvez tentasse como recreio sem valia sahiu-lhe um genero, cujo modello está na variada teia urdida pela inexgotavel invenção do Ariosto. Walter Scott applicou o genero á historia nacional; esculpio na phisionomia dos heroes populares os typos da epocha; tomou as crenças e os usos para côr do painel; entreteceu com a narração o dialogo; á poesia descriptiva foi pedir os tons para as suas paizagens; a leitura meditada do D. Quixote aperfeição nelle o talento innato de contar, ensinou-lhe a individualidade dos caracteres; revelando-lhe o segredo de pintar as scenas com tanta verdade de costumes, de paixões e de sentimentos, que resuscitou a cada palavra os seus heroes, e o leitor crêr vê-los andar, e ouvil-os conversar.

Esta magia do novelista escocoz quando se observa, vê-se que é devida ao estudo profundo da poesia romantica; e a applicação parece ter-lhe sido suscitada pela fabula e urdidura do Quixote. Até os prologos em acção, fallados por interlocutores da invenção do poeta, recordam aquellas deliciosas paginas, em que Cervantes discute com Cid Hamet Benengeli, ou nos descreve o seu encontro com o Estudante na ponte de Segovia.

D. Branca na contextura, no estylo, e no enredo deve pouco ao Oberon de Wieland. A Byron tambem não deve nada. A' imaginação risonha que teceu de flores o poema portuguez eram antipathicos de certo os negrumes, que empanam todas as composições do inglez. O *Giaour*, o *Pirata* e *Lara*, todos afinados pela mesma corda, são visões da desesperança, spectros evocados nas vigalias do descreer. De quem D. Branca se aproxima é dos romances em verso de Walter Scott, levando-lhe vantagem na graça original do enredo, e no variado e divertido interesse da narração.

Em D. Branca ha uma frescura de imaginação, uma propriedade de imagem, e uma facilidade do contar, que raras vezes se encontram reunidos na mesma obra. O poeta, da disputa dos dois frades-doutores sobre a *Tremenda*, passa á investida nocturna dos mouros; dahi sobe aos colloquios d'amor, desce aos torneios d'armas dos freires de Santiago, e entra nos encantamentos das fadas sem tropeçar na transição, sem lhe cahir uma nota falsa, sem nunca lhe afrouxar o estro. Invenção juvenil, mas já castigada, tem toda a viveza e calôr da mocidade a par da sobria reflexão dos annos maduros. E' livre sem ser incorrecto, é elevado sem ser tumido, revê a paixão e o amor sem forçar a harpa, ou recorrer ás drogas estimulantes dos pseudo-romanticos. Sempre igual ao assumpto reconcilia a naturalidade com a arte, ou descreve a scena comica, ou chore o infortunio.

O pincel, que desenhou aquellas figuras graciosas

sabe já toda a verdade do amor, e adivinhou já também todos os abysmos do coração humano. O canto IV, admiravel trecho de poesia portugueza, é o retrato mais perfeito dos cambiantes porque passa a paixão, que vem aos olhos, está no suspiro suffocado dos labios, e reflecte nas faces o fogo do incendio interno. Alguns versos tomados ao accaso, provam que não é exaggerado o louvor.

- ..... a mão de neve  
 « Sobre a querida mão pousou do amado.  
 « Languidamente a face lhe pendia  
 « Para o seio agitado, e um suspiro  
 « Sussurrou desmaiado á flôr dos labios;  
 « — Como quando nas aguas christallinas  
 « A viração da tarde branda encrespa  
 « A lisa superficie. — Não cabia,  
 « No peito a Aben-Afan tão grossa enchente  
 « De delicia, de gozo: accumulado  
 « No coração tanto prazer dobrava-lhe  
 « As pulsações incertas e apressadas.  
 « Da formosa christã tomou nas suas  
 « As delicadas mãos, e convulsivo  
 « Lhas aberta; acres beijos as devoram  
 « Voam das mãos ás faces — e das faces  
 « Descem — ao seio não, que á Virgem bella  
 « Do lubrico desmaio accorda o pejo,  
 « E ao atrevido mouro não consente  
 « O véo tenaz erguer desse fechado  
 « Sacratio de pudor e formosura.

Em D. Branca ha de certo defeitos e incorrecções, porém não são desses que ferem logo, são dos que descarna o escarpello paciente do anatorista critico. Uma nodosa leve, invisivel quasi, aqui e além, o que vale quando as graças nos sorriem dentre tantas flôres, e a belleza nos chama com um mimo raro de cada vez, com um requebro novo a cada instante?

Dirá o mineiro archeologo, que a historia foi posta de lado alguma vez, e que um e outro descuido accusam erudicção leviana? Seja. Mas quem sabe se o poeta adivinhou o que não vira, cegos dos pergaminhos, os olhos do antiquario? Viveu como a retrata a bella amante de Aben-Afan, ou foi o typo devoto e ascetico que nos dá a monotonia da chronica? A historia dos monumentos é pelo poeta; mentiram as chronicas; Branca teve fraquezas de mulher e desvios do coração.

A poesia da historia não é a historia mesmo. A imaginação não canta em ferros. Foge, revoa, e poussa no ramo onde abre a flôr, que ama, na haste onde treme a folha, que busca. A historia em D. Branca é colligida da tradiçãõ e não dos livros, onde ella se inventava muito mais do que se fazia. Se os magnrepos da chronologia cuidavam que a arte de verificar as datas se podia pôr em verso, enganaram-se. Rimar uma grammatica já houve quem ousasse, mas uma chronica de datas ainda resta vêr se haverá.

O poema pecca mais noutros pontos. Talvez o auctor abuse das digressões e enrede com ellas muito a narraçãõ. De certo a allusão á epoca destõa da harmonia da obra, e mette uma pouca de prosa e de satyra na corrente amena da antiga tradiçãõ; no Camões corrigiu-se este defeito. E' mesmo cabida a observação de que em uma ou outra scena comica as personagens façam um tanto de entremez e rastejem pelo trivial. Quando tudo isto porém exista, o que se segue dahi?

Não são de mestre as pinturas dos amores de Branca e Aben-Afan — o episodio do combate dos cavalleiros de Santiago em Tavira, e o encontro de Oriana — as scenas de encantamentos e esconjuros — os passos da fada; e a extrema peleja ás portas de Silves? Ao pé disto que sombra fazem lapsos, ou descuidos, que realçam mais a belleza, que dão novo relevo ao que esmerou a arte?

D. Branca não se torna a escrever. O genero, a inspiração, e a veia, nem ao proprio auctor se quizesse tornavam a acudir. Obra original, vinga o maravilhoso christão da nota de prosaico; os costumes e creanças populares desaggrava-os da culpa de frios e descorados; e ás paizagens desta invejada terra entrega-lhes a palma, descrevendo a natureza rica e variada, que a embelleza. D. Branca fez uma revolução, porque provou com argumentos d'arte, que só da nacionalidade pode viver a verdadeira poesia.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO VII.

*O castello de Santa Olaia.*

(Continuado do n.º 8.)

A escada por onde desceram, no patim da sala d'armas dividia-se em duas. Uma ia ter ao eirado; a outra á capella, construida de fórma que as palavras pronunciadas nella se escutavam distinctamente nos aposentos de cima. Na igreja, colgaduras escuras disfarçavam os rombos das paredes. No altar de marmore, á pressa ornado de frontal eustoso, mas desmerecido, tinham levantado a cruz do descimento com a toalha sobraçada. O alampadario pendia sobre tres tumulos de lavor grosseiro. O monge ahi descobriu letreiros que lhe estremeceram o coração. « Ansur Lopes » em um. « D. Moço Ansuers » defronte. E ao lado do altar, com o galgo aos pés, a figura de um guerreiro, o « conde Ordonho. »

Por entre montes de caliça, debalde andou procu-

rando outra sepultura. Por fim, examinada melhor a de Moço Anures, nas apagadas letras rastreou o nome que buscava, nome querido de mulher — «Auzenda!»

Escaparam-lhe mal sentidas lagrimas sobre aquelles dois punhados de pó, que até a urna cineraria teve dó de separar. Os ramos de arvore oriental, descabellando-se, debruçavam sobre metade da campá um docel de palmas vecejantes e estrellas guardelens. A verbena, os goivos, e os lyrios sylvestres, frescos da agua que estilavam as juntas rotas das abobadas, arqueando-se, envolviam em viçosa alcatifa a triste morada dos dois noivos. Recostada assim no berço dos amores, a morte nada tinha de pavorosa.

Em quanto o frade se inclina para a campá, em que pelos olhos da imaginação vê passar chorosas as sombras dos amantes, Martim Paes, chamando o homem d'armas, arredou-se com elle para um lado.

D. Nuno passeiava, reflectindo. Adiantado em annos, carregado de semblante, e sem calor nos olhos pardos, a sua vista fria e lenta gelava-se em fitando alguém. Respondendo aos pensamentos intimos, um sorriso desmaiava nos cantos da bocca, motejador ou feroz, segundo era d'escarneo ou de crueldade a idéa que o suscitava.

— «Telo Ervigiz, dizia Martim Paes, aonde foste nado e manteúdo?»

— «No solar de Lanhoso» respondeu o homem d'armas com singelleza rude.

— «Sabes o que me deves?»

— «O corpo pelo sustento, a alma pelo baptismo, e o sangue, que, sem vós, teria escorrido das varas do carrasco.»

— «Pediste-me abrigo e protecção. Neguei-ta alguma vez?»

— «Nunca.»

— «Nasceste servo. Quem te fez livre?»

— «Vós.»

— «Quem te deu a mulher que amaste, a casa em que vives, a terra que lavras, e o berço de teus filhos?»

— «Vós.»

— «Telo Ervigiz, o solar de Lanhoso foi deshonrado!»

Todas as perguntas até estas ultimas frases tinham sido feitas no mesmo tom rapido e natural; mas ao proferir a palavra *deshonra*, a voz do cavalleiro tornou-se vibrante e aguda. Ouvindo-a, o solarengo pulou para traz, como mordido de vibora, e por impeto instinctivo floreu a hacha, exclamando rouco:

— «Deshonrado!»

— «Deshonrado para sempre. Hoje vale mais o teu nome que o do senhor dos paços em que te creaste.»

O rosto de Telo Ervigiz, ora branco ora afogueado, retratava a dôr e a sede de vingança. O assombro pintava-se nos beiços entr'abertos e nos olhos dilatados; a cholera nas pupillas encandeadas como as

do tigre, e nas alvas amarelladas, que o furor injectava de veios sanguineos.

— «Infame... o solar de Lanhoso!...»

Eram duas palavras, que em toda a vida não saberia ajuntar nunca.

— «A filha de meu pae, continuou D. Martim, a filha de teu amo, ficará viuva sem ter marido... entendes? É o appellido da nossa casa escripto com o lodo das prostitutas! Quem sabe? Amanhã, ao tecto em que moras chegará o homem de Riba-Douro, e, arrancando o filho do peito á mãe, com ella nos braços rir-se-ha de ti, como riem de mim, os covardes!...»

O solarengo não respondeu. Mas os cabellos e as barbas pareciam espinhos, e os dentes, alvos e aguçados, rangeram uns nos outros. Com um revez da hacha lascou a aresta da campá vizinha.

— «Fiz-te livre como o ar, Telo Ervigiz; e nas tuas mãos ponho a honra de Lanhoso. Vinga-a. Querres apagar a affronta da face de teu amo?»

Telo Ervigiz, sem o entender bem, largando a hacha ajoelhou-se.

— «A mim essa pergunta?!» disse elle chorando.

— «Então, interrompeu Martim Paes, erguendo-o, farás o que eu mandar?»

— «Tudo.»

— «O homem que nos deshonrou chama-se Gomes Lourenço.»

— «Onde está?» gritou o solarengo dando um passo.

— «Aqui perto. Vem caminho do castello. Quero que morra da tua mão como traidor.»

— «Apezar de velho, não erra séta do meu arco, e golpe do meu braço entra até os ossos...»

O senhor de Lanhoso despregou, ao ouvi-lo, um sorriso de mofa e crueza.

— «Não me entendes. Essa morte não a sentia elle! Ha-de vêr cavar a cova, cozer a mortalha, e afiar o cutello... Morrerá justicado por ti.»

— «Por mim!?!...»

E ao proferir estas palavras recuava de horror uns poucos de passos. A falsa e grosseira idéa dos deveres de homem d'armas, tirava-lhe o escrupulo de matar com a apparencia de combate; porém só ao nome de algóz, a vergonha e a ancia cortavam-lhe a alma.

— «Telo Ervigiz, bradou D. Martim, levei dez annos a fazer um ingrato?—e, vendo-o immovel, uniu as mãos, exclamando:— Meu Deus, ainda me faltava este!»

O homem d'armas, com a cabeça descaida e os braços hirtos, continuava sem dizer palavra.

— «Se não ha outro, murmurou em fim, seja; mas os meus filhos hão-de ser chamados os filhos do carrasco.»

— «Ninguem o saberá» acudiu o cavalleiro.

— «E Deus?» interrogou uma voz atraz delle. Olharam; era o monge de Cister.

— « Deves a Martim Paes, disse o frade virando-se para Telo, o corpo e a liberdade. Que te lance ferros e te mate, se quizer; mas que não tente perder-te a alma. Pelo sangue de Christo, não vendas o que é do céu! »

— « Santa Virgem! » soluçou o solarengo.

— « Não, homem temente a Deus, vende antes a teu amo, acudiu D. Martim com amargura. Castiga-o da loucura de acreditar que podia haver lealdade no peito d'um villão. »

Era tão pungente o ar com que disse isto, que vinte punhaladas doiam menos. Telo Ervigiz não resistiu mais; e, abaixando a cabeça, murmurou tristemente:

— « Serei verdugo... tudo o que quizerem. Mas depois... »

— « Espera pelo inferno! » bradou o frade, ameaçando-o.

#### CAPITULO VIII.

*Vem do inferno, ou vem da terra?*

D. Martim não lhe respondeu. Deixou ao monge a victoria do seu silencio, e puxando de lado a Telo Ervigiz fallou-lhe quasi ao ouvido por algum tempo. Insensivelmente foi levantando a voz, de forma que perguntas e respostas ouviã-nas D. Nuno e Fr. Munio no logar aonde estavam.

— « Na ermida? » interrogava Telo.

— « Sim. Alli: » respondia o cavalleiro, apontando um espaço entre os tres tumulos.

— « E a tumba? »

— « Ao pé. »

— « O cepo? »

— « Do outro lado. »

— « E na casa de cima? »

— « Nada. E' para ella. »

— « O signal? »

— « Tres repiques de sineta. »

— « Deus me perdoe!... Depois? »

— « Na barbacan os cavallos enfreados; e de pé no estribo os homens d'armas. »

— « Ficae descansado. »

E Telo Ervigiz sahiu com os olhos arrazados d'agoa, a fronte curva, e os braços encruzados no peito. D. Martim seguiu-o com a vista até elle transpor a porta; e, encostando-se á espada, ficou silencioso e pensativo alguns momentos.

— « Até este homem tão leal. Mas que me importam os remorsos de um villão, quando me queima a vergonha nas faces, e o odio no coração?... E depois?... »

Como algumas vezes acontece aos que seismam, esqueceu-se de si e do que o rodeava, pronunciando em voz alta as ultimas palavras. Levantando, por acaso, então, a vista, achou, cravados em si, os olhos escrutadores do monge de Cister.

— « E' verdade, Martim Paes, atalhou Fr. Munio em tom brando; a vingança, ao provar, é doce de mel; mas depois é fel. »

— « Não ha fel quando nos fica um inimigo de menos: » acudiu D. Nuno, que se aproximára.

— « Enganaes-vos, D. Nuno, ficam os remorsos de mais. »

— « Visões! respondeu o cavalleiro, encolhendo os hombros. Ainda não morreu peccador que vós, os monges, não absolvesseis por bons testamentos. Na pia dos mosteiros lavam-se as mãos do sangue. »

— « Deus não tome contas a quem vae abrir lei-lão á porta do seu templo. Os homens perdoam, mas Elle condemna. »

Martim Paes tinha-os escutado silencioso, traçando com a ponteira da espada figuras na terra movediça. Breve, ouvindo o monge, ergueu a cabeça, perguntando com ar d'escarneo:

— « Quando fallaes verdade vós outros, padres? »

— « Quando prégamos a lei de Deus. »

O cavalleiro de Lanhoso emmudeceu, e D. Nuno, encaminhando-se para a porta, rosnavia:

— « Estes monges, brancos ou negros, ninguem os entende! »

Pegando então no braço de Fr. Munio, Martim Paes exclamou:

— « Esta affronta é tamanha, padre... Quem me fará justiça? »

— « Já t'a negaram, mancebo? redarguiu o monge. El-rei e a sua curia não sabem... queixa-te! »

— « Contem isso a outros, atalhou, rindo com desprezo, o cavalleiro; e, batendo o pé com furia, acrescentou: — Não querem, reverendo nono. Depois de feito dizem: não ha remedio, ou se eu soubera!... O rei?!... tomára elle mais tempo para lançar os falcões e correr os javalis, em quanto os seus validos entram pelos solares a deshonrar donzellas nobres como filhas de mestiraes. Justiça del-rei?!... Quando a houve nesta terra, padre?! »

— « Quando tu e os teus eguaes a não tomavam por suas mãos » respondeu seccamente o frade.

— « Não temos outra... »

— « Mentira » murmurou Fr. Munio.

— « Elles não sabem? proseguiu Martim Paes, como se o não ouvisse. Ensine-os a cabeça dos traidores, levantada no alto das torres. Se não veem, abram-se-lhe os olhos. Ah! fazem-se deslembados? Nós os acordaremos. »

— « Bem se conhece que morreu el-rei D. Sancho! replicou o monge amargamente. O leão velho na cova já não mette medo. Guarda-te das garras do novo, D. Martim. »

— « D. Affonso II, o Leproso!... oh! esse não ha de morrer de lança nem de frecha! » exclamou o cavalleiro, rindo.

— « Mancebo, a cholera do rei é a cholera do leão. »

— « Fallas do seu valido padre? Pois não! Gomes Lourenço, o collaço, o amigo de D. Affonso, ninguém seja ousado a molestal-o, ainda que nos roube irmãs e filhas. Aonde aprendeste a paciencia, santo monge? »

— « Na desgraça! »

Era tão verdadeiro e sincero o tom em que foi dada a resposta, que o senhor de Lanhoso, estacando no passeio precipitado, com os punhos ainda fechados de raiva, fitou o frade com admiração.

— « Martim Paes, filho, disse este meio severo, já alguém te amou — ia dizer tanto — mais do que eu? »

— « Não. Mas a honra está acima de tudo!... »

O monge sorriu, sacudindo a cabeça com ar incredulo.

— « A honra!... Ah! Martim Paes, mancebo. Não se enganam assim os velhos. Para que mentes a Deus e a mim? »

— « Olha o que dizes, padre. Fallas de mentira a um cavalleiro! »

— « Fallo. Se o cavalleiro mente, que remedio se não dizer-lho. Acudiu o frade sem se alterar. Depois, tocando nas barbas brancas, e fitando-o com tão agudo olhar que elle o não podia soffrer, ajunctou em voz severa:

— « Ha quantos annos choro eu neste valle de lagrimas, mancebo?! Julgas tu, e os que nasceram hontem, que as amarguras da vida não dão experiencia? — E mudando para um tom aspero: — É a honra de D. Maria que accende a tua sêde de sangue? Responde; atreve-te a dizer que sim! Porque não aceites então o nome de Gomes Lourenço para ella?... »

— « Porque é um covarde... »

— « Tu, ou elle? exclamou o monge com indignação. Vi-te de joelhos, pedir-lhe a vida por mercê, e o de Salzedas perdoar-ta; diante de mim, Martim Paes, chamar-lhe fraco?! »

— « Padre! » bradou o cavalleiro irado.

— « O covarde, o traidor, onde estará? continuou o monge friamente.

— « Padre! » rugiu D. Martim, dando um salto para elle com a mão no cabo do punhal.

— « Está em ti, proseguiu no mesmo tom o frade. Eu te digo porque. Tu, o valido de D. Sancho, aborreces o homem que vae succeder-te na prirvança do rei novo. Os infantes descontentes saem do reino. As infantas, a quem negam as heranças, defendem-nas em seus castellos. Os cavalleiros moços correm a florear as lanças debaixo do pendão das damas. O senhor de Lanhoso, atirando-lhe a cabeça de um dos Viegas, do collaço de D. Affonso o Leproso, não se vinga a si, não os vinga a elles? pôde ser mal acceito? Errei nisto, D. Martim? »

O cavalleiro de Lanhoso, quasi succumbido por se vêr descoberto, pasmou a vista no rosto do monge, e pallido como um defunto, nem teve animo de o desdizer.

— « A ambição sempre foi irmã do crime, disse Fr. Munio. Não te fies nella, Martim Paes; é uma Judith. Olha que namorado nenhum deitou a cabeça no seu regaço, que lha não cortasse no primeiro somno. »

D. Nuno, que já tinha voltado, ouvindo isto, trocou uma vista rapida e desalentada com o senhor de Lanhoso; e essa vista, que não escapou ao frade, queria dizer: « estamos conhecidos. » Depois todos tres, calados e contrafeitos, mediram-se por algum tempo. O monge adivinhara o negro abysmo d'infamia em que socobravam aquelles dois homens. Colhidos de sobresalto, ambos, sem se arrependem, estavam como assassinos na presença do cadaver, que tremem de vêr levantar uma accusação pelos labios de cada ferida. De repente Fr. Munio, travando da mão a Martim Paes, levou-o com impeto ao pé do tumulo de Moço Ansures, e mostrando-lho com o dedo, bradou:

— Sabes a historia deste homem, Martim Paes? »

O cavalleiro, acenando com a cabeça, respondeu que sim.

— « Sabes em que dia estamos? »

— « Sei. »

— « Faz hoje mais de um seculo que este sepulchro foi o leito nupcial de dois amantes, e que lá em cima, na sala d'armas, se travou um combate tão medonho, que Deus affastou os olhos da terra, e o mesmo inferno teve horror. Martim Paes, o cadaver das victimas descança entre aquellas flôres, mas o do Inigo Lopes, o amaldiçoado, não pôde ter repouso. »

(Continua.)

## POESIA.

### O TEJO.

« Dai-me agora um som alto e sublimado; »  
 « Um estilo grandiloquo, e corrente; »  
 « Porque de vossas aguas Phebo ordene »  
 « Que não tenham invcja ás de Hippocrene. »

(CAMÕES — LUS. — CANT. I. EST. IV.)

Como é lindo e sosegado  
 O meu Tejo de christal;  
 No correr enamorado,  
 Oh Tejo não tens rival!  
 Com teus brandos murmurios,  
 E's o gigante dos rios,  
 A corôa de Portugal!

Lindo Tejo feiticeiro,  
 Em tuas ondas de anil,  
 Vem por noites de Janeiro  
 A lua brincar gentil:  
 E apoz ella vem pulando  
 Tuas ondas, festejando  
 Estrellas a mil e mil.

Patrio Tejo, n'outras eras  
 Tinhas throno e foste rei:  
 Do que és hoje, e do que eras,  
 Por vergonha calarei!  
 Patrio Tejo sou teu filho,  
 Inda vivo do teu brilho,  
 Tuas magoas não direi.

Corres pobre, mas invejo,  
 O teu doce suspirar;  
 Doces agoas do meu Tejo,  
 Correi mansas sem parar:  
 E's monarcha em captiveiro,  
 Mas inda ha muito romeiro,  
 Que te venha festejar.

Sabe Deus se inda algum dia  
 A' terra do teu Camões,  
 Baixará formoso guia,  
 A quebrar-te esses grillhões!  
 Deixarás de ser espectro,  
 Outra vez terás o sceptro  
 Reinarás nos corações.

Lindo Tejo, quem me déra  
 Como foste vêr-te já!  
 O meu peito aneia, espera  
 Vêr-te livre correr cá  
 Oh meu Tejo nesse dia,  
 Findará minha agonia  
 O meu pranto acabará.

Como és lindo! que nobreza  
 Tens nesse su.surro teu!  
 Como banha com franqueza  
 Esta terra, em que nasceu!  
 Como é grande e magestoso,  
 Quando alçando o collo annoso  
 Quer mostrar o poder seu!

Minha patria como és bella  
 Nesse teu meigo sorrir!  
 Quem nasceu em terras d'ella  
 Já nasceu para sentir.  
 Tens bellezas verdadeiras,  
 Oh terra das lorangeiras,  
 Linda fada. Inda a dormir!

Eu prefiro as mansas agoas,  
 Do meu Tejo a tudo o mais:  
 Quando o peito sente magoas  
 Suas ondas são leaes;  
 Vão correndo, e suspirando,  
 Com seus beijos, abafando,  
 Os echos dos tristes ais.

Foi a mão do Ser Eterno  
 Quem formoso assim te fez?  
 Deu-te o condão de ser terno  
 Quando aos outros a aridez?  
 Embora desconhecido,  
 Tenho orgulho em ter nascido  
 Como tu tão portuguez.

Só te falta a liberdade,  
 Meigo Tejo, meu amor:  
 Mas não quiz a Divindade  
 Dar-te mais esse primor:  
 Se t'a dêsse, oh minha terra,  
 Bellezas, que o Tejo encerra,  
 São tuas.... não tem pintor!

Como é lindo e socegado,  
 O meu Tejo de christal:  
 No correr enamorado  
 Não lhe conheço rival;  
 Com seus brandos murmurios,  
 E' o gigante dos rios,  
 A corôa de Portugal.

*Luiz Augusto Xavier Palmeirim.*

## NOTICIAS.

### PRAÇA DE LISBOA.

— No dia 19 o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	2,000	1,960
Tres operações.....	18	22
Inscrições de 5 por cento.....	40	42
Ditas de 4 por cento.....	31 1/2	34
Papel-moeda.....	10	13
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Ações do Banco de Portugal.....	400,000	410,000
Ditas das Lezírias.....	380,000	390,000
Ditas— Seguro Firmeza.....	380,000	390,000
Ditas— Fidelidade.....	20 a 22 por cento pr.	
Ditas— Omnibus.....	60,000	62,000
Ditas— Pescarias.....	23,000	25,000
Ditas— Vapores do Tejo.....	19,200	21,000
Ditas— União Commercial.....	55,000	60,000
Ditas— Fiação e Tecidos.....	70,000	72,000
Ditas— Valla d'Azambuja.....	100 por accão.	
Obras Publicas.....	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional.....	350,000	355,000

### MORTALIDADE EM LISBOA.

No dia 7 de Agosto 30 pessoas. — No dia 8, 21. — No dia 9, 23. — No dia 10, 31. — No dia 11, 15. — No dia 12, 42 pessoas.

## ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 1 a 10 d'Agosto de 1848.

	Trigo.		Cevada.		Milho.		Cevada.	
	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>
Entrada . . . . .	1775	57	426	18	166	18	11	—
Despacho . . . . .	1368	46	293	30	86	6	39	30
Existencia . . . . .	4118	25	1441	6	665	25	101	23
Preços . . . . .	400 a 500		200 a 240		320 a 360		240 a 300	

## ASSOCIAÇÃO.

Teve lugar no dia 20 a segunda reunião de uma associação, creada por alguns cavalheiros, com o fim de promover os *interesses materiaes* do PAIZ. Esta segunda reunião esteve menos concorrida do que a primeira. Lêram-se uns estatutos provisórios: e o Sr. Ayres de Sá apresentou uma memoria sobre a criação de *Bancos ruraes* em Portugal.

## PRAÇA DE MADRID.

10 de Agosto

Titulos de 3 por 100, 19  $\frac{1}{2}$ . — Titulos de 5 por 100, 11. — Acções do Banco de S. Fernando de 2,000 rs., 1,000. — Idem da Probidad de 2,000 rs., 1,200. — Idem do Canal de Castella de 4,000 rs. — Idem do Iris ao portador de 1,000 rs., 1,000. — Idem idem nominaes de 1,000, 160. — Idem do caminho de ferro de Madrid a Aranjuez a 2,000 rs., 1,000. — Idem de Seguros geraes de 10,000 rs., 200. — Idem da Alimoza de 4,000 rs., 200. — Idem del Amora de 4,000 rs., 400. — Idem del Alumbrado de Gaz de 4,000 rs., 2,000. — Idem da Companhia de minas Anglo-Asturiana de 4,000 rs., 200.

## FUNDOS FRANCEZES.

4  $\frac{1}{2}$  por 100, 59 — 4 por 100, » — Bonds francezes, 23 — Acções do Banco, 263

## MERCADO DE CERAES DE LIVERPOOL EM 5 D'AGOSTO.

Tem havido uma importação grande de trigo de Odessa. O mercado foi pouco activo. O trigo e a farinha foram procurados.

A avêa teve pouco preço: as favas tambem baixaram. A cevada e as ervilhas conservaram o seu preço de 29 e 30 sh.

## COMMERCIO INGLEZ.

Os ultimos acontecimentos da Europa tem influido sobre a exportação ingleza. As expedições de tecidos de algodão para a india oriental no primeiro semestre de 1848 tem sido as seguintes: — Para Calcuttá no semestre de 1847, tinham ido 44,450,000 jardas de tecidos de algodão, e 6,920,000 jardas de fiados: neste anno foram apenas 36,900,000 de tecidos, e 4,800,000 de fiados. Nas remessas para a China tambem os mesmos artigos desceram de 43,200,000 a 23,925,000, e de 3,650,000 a 1,850,000.

## FUNDOS INGLEZES EM 5 D'AGOSTO.

Consolidados, 86  $\frac{7}{8}$  — Reduzidos de trez por cento 87 — Banco, 198 — Exchequer bills, Março 39; Junho 39 de premio.

Os *Estrangeiros* — Hispanhoes de 5 por 100, 11 — Belgas de 4  $\frac{1}{2}$ , 67 — Brazileiros de 5, 67 — Mexicanos de 5, 17  $\frac{1}{2}$  — Portuguezes de 4, 18 e 19.

## FENOMENO EXTRAORDINARIO.

Na manhã do dia 1 d'Agosto ás 11 horas, os passageiros do caminho de ferro de Methley foram testemunhas de um singular acontecimento. A attenção dos passageiros foi fixada sobre um campo, do centro do qual sahia um borbotão de agoa que subia até á altura de 12 polegadas, e que foi logo depois seguido por fogo, e vapor que se elevou á altura de trez pés. Este extraordinario acontecimento teve lugar proximamente a trez milhas de Methley.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

Lamego, o Sr. Francisco Bernardino Pereira Guimarães. — Vizeu, o Sr. Antonio da Silva. — Braga, o Sr. João Antonio d'Oliveira Braga. — Penafiel, o Sr. Antonio Coelho de Menezes Guimarães. — Coimbra, o Sr. José Joyce. — Aveiro, José Simões de Paiva. — Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Figueira, o Sr. Ignacio Fernandes Coelho. — Porto, o Sr. Francisco José da Costa Lobo. — Santarém, o Sr. João Bonifacio Guimarães. — Thomar, o Sr. Antonio Joaquim d'Araujo. — Abrantes, o Sr. Raymundo José Soares Menêes. — Evora, o Sr. Bento Pereira Machado. — Lagos, o Sr. Januario José Simões. — Beja, o Sr. José Rica. — Tavira, o Sr. Mattos & Palma. — Faro, o Sr. José Bento Dias Pereira. — Villa Real de Santo Antonio, o Sr. João de Sousa Medeiros. — Elvas, o Sr. Antonio Ferreira Guimarães. — Barcellos, o Sr. Francisco José Pereira Braga. — Amarante, o Sr. Victorino Ferreira Bessa. — Villa Real, o Sr. Manuel Ignacio Pinto Saraiva. — Régua, o Sr. Lourenço Pinto de Sousa. — Chaves, o Sr. João de Sousa Pinto de Barros. — Bragança, o Sr. Manuel José Dias Mendes Pereira. — Guimarães, o Sr. Miguel Fernandes de Sousa Vilella. — Vianna, o Sr. Luiz Manuel Monteiro. — Setubal, o Sr. Agostinho Rodrigues Albino. — Leiria, o Sr. Miguel Joaquim Leitão. — Torres Vedras, o Sr. José Eloy da Silva. — Torres Novas, o Sr. Olimpio Justino Victor. — Alcobaga, o Sr. João Pereira. — Portalegre, o Sr. João Anastacio da Grande. — Estremoz, o Sr. Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio. — Mirandella, o Sr. José Bernardino Pinto Saraiva. — Valença, o Sr. Manuel Leite Ribeiro e Silva. — Covilhã, o Sr. Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castello Branco, o Sr. Francisco José Morão.